

A FORMAÇÃO DE TREINADORES NO DESPORTO FEDERADO O TREINADOR NO SEGUNDO MILÉNIO

Abel Figueiredo

**Escola Superior de Educação de Viseu
Federação Nacional de Karaté**

"É vaidade supor que temos soluções para pessoas cujas vidas não partilhamos e cujos problemas não conhecemos. É loucura pensar que semelhante exercício de humanitarismo distante terá efeitos agradáveis às pessoas em causa."

FEYERABEND, 1993

Introdução

Neste espaço apresentaremos de forma sintética algumas ideias que consideramos importantes para melhorar a formação de treinadores em Portugal. Dada a natureza da intervenção, não poderemos explorar e desenvolver profundamente os pontos focados. Ficam como temas em aberto para um *fórum* mais alargado sobre a formação, onde destacamos as Associações e Federações Desportivas, as Associações de Treinadores, e as instituições de Ensino Superior de Formação de Treinadores.

A Formação Informal dos Treinadores

É nosso entender que a formação de treinadores em geral, passará, no futuro, por três ordens de grandeza:

1 - Desenvolvimento e consolidação da formação inicial (cursos), onde a natureza comunicativa entre os intervenientes (entre formadores / entre formandos / entre agentes desportivos / entre estruturas institucionalmente responsáveis / ...) será a componente de maior investimento futuro;

2 - Consolidação e desenvolvimento da formação contínua: acções de formação, congressos, simpósios, etc.;

3 - Desenvolvimento da formação informal: redes de comunicação entre treinadores.

Neste entendimento pressupõe-se que a influência institucional (Federativa, Associativa, etc.) não deverá ser maior na formação inicial do que na formação informal.

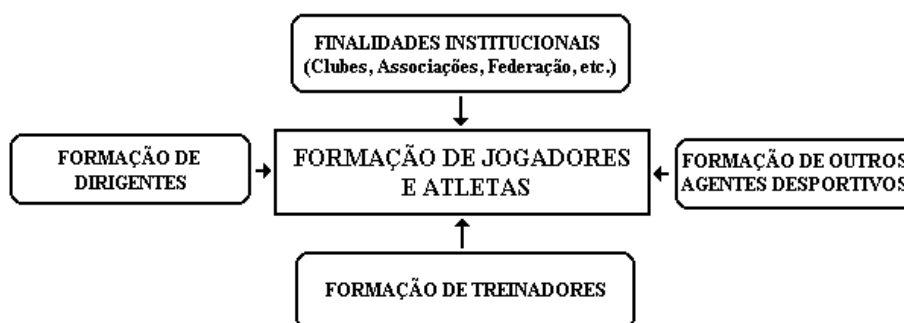
É fundamental que sejam desenvolvidos e geridos os espaços de comunicação entre os treinadores, desde as formas tradicionais até à utilização de novas tecnologias: publicações de livros, revistas, filmes, CD-ROM's, desenvolvimento de informação em redes de comunicação, etc... Num momento em que se antevê a revolução nos meios de comunicação inter-pessoal (novas tecnologias com destaque para os computadores pessoais que quase já se tornaram verdadeiros multimédia e os acessos à informação em redes, com realce para a INTERNET), surge-nos pelos olhos dentro a necessidade imperiosa de se promover formalmente a formação informal dos treinadores.

Sem dúvida nenhuma que a médio/longo prazo teremos a entrada das Federações Portuguesas numa rede de informação, com páginas próprias (“home pages”) para os diversos círculos de agentes desportivos (jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, médicos, etc.) e de instituições desportivas (clubes, associações regionais, associações de agentes desportivos, etc.), onde o “navegador” poderá ter acesso a informações diversas (planos anuais das Federações, planos de formação, cursos, acções, reuniões, resultados de jogos, comunicados, normas, regulamentos, estatutos, etc., etc.), onde poderá deixar comentários e críticas em assuntos diversos, onde poderá contactar *cibertreinadores* em todo o mundo e participar em fóruns de discussão dos mais diversos assuntos característicos à sua actividade.

Fundamentos e Estratégias da Formação

Por outro lado, em relação aos conteúdos da formação, não poderemos deixar de referir os seguintes pontos:

1. A finalidade da formação de treinadores é, sem qualquer dúvida, contribuir decisivamente para a formação de jogadores / atletas / praticantes.

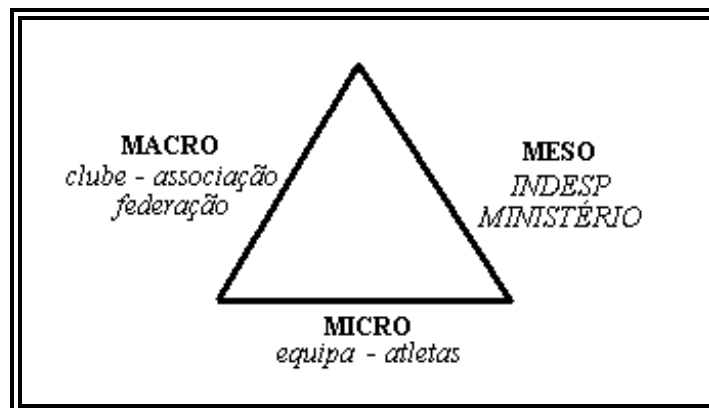


2. Os domínios de competência que julgamos importantes na formação actual de treinadores em geral podem-se agrupar assim: o “saber técnico” que respeita a matéria de ensino e de treino (o basquetebol, o futebol, o karaté, etc.), e as competências de gestão das condicionantes das tarefas (exercícios) em cada sujeito de prática (atleta,

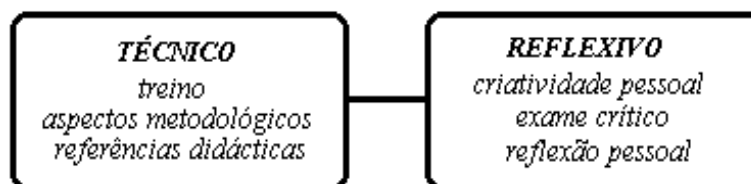
jogador, praticante): bioenergéticas (factor de treino físico), biomecânicas (factor de treino técnico), bioinformacionais (factor de treino tático), psicológicas (factor de treino psicológico), sócio-culturais (outros factores de treino); o “saber pedagógico” que respeita as formas mais eficazes de gerir o processo ensino-aprendizagem inerente ao treino das modalidades em causa; o “saber organizacional”, porque cada vez mais se alargam os contextos de intervenção do treinador, e porque o trabalho de equipa começa a prevalecer em relação ao trabalho individual; o “saber ético e deontológico” porque corremos constantemente o risco de colocar os indivíduos ao serviço dos interesses institucionais, aceitando linear e gratuitamente uma visão produtivista do desporto.



3. Os contexto de intervenção no desporto não têm exclusivamente o âmbito micro (os atletas; a equipa). O que aqui se passa tem necessariamente a ver com outros dois âmbitos: macro (clube, associação, federação) e meso (INDESP, ministério ou secretaria geral).



4. Os estilos de desenvolvimento das competências dos treinadores podem assumir um nível mais “técnico”, onde se valorizam os aspectos instrumentais da intervenção do treinador e o treino das suas competências, utilizando principalmente as referências didácticas e metodológicas; ou um nível mais “reflexivo” com estímulo à criatividade pessoal pela reflexão e exame crítico de determinadas situações.



Pontos de Partida para Discussão

Assumir que as finalidades institucionais no desporto são a formação de atletas e jogadores, e assumir que o conceito de “Homem jogador” integra dimensões culturalmente significativas, será assumir o papel fundamental que a formação de treinadores, como de outros agentes desportivos, tem no âmbito geral do desenvolvimento do desporto.

Os treinadores, na gestão do treino e num contexto micro, têm várias competências. De uma maneira geral eles têm que escolher, identificar e definir as tarefas que os jogadores deverão realizar; têm que as aplicar e controlar/avaliar em função dos objectivos e metas antecipadamente propostos, naquele tempo e espaço organizacional característicos.

Paralelamente a este campo de acção micro (relação com atletas - *equipa*), existem mais dois contextos de intervenção que não poderemos ignorar: institucional, onde temos como função técnica a gestão do clube, associação e federação; mega-macro onde colocamos a gestão desportiva geral (política e técnica nos Ministérios e INDESP).

A face mais visível do trabalho do treinador é, sem dúvida nenhuma, o resultado desportivo dos seus atletas ou *equipa*. No entanto, com esta triangulação de contextos gerais de gestão da prática desportiva, queremos evidenciar a necessidade cada vez mais actual do alargamento do campo de acção do gestor técnico do micro ao meso.

É evidente que há componentes meso que influenciarão o rendimento micro: o estatuto de alta competição ou o enquadramento legal da formação de treinadores, por exemplo; ou o rendimento macro: regime jurídico das federações, apoios diversos a projectos de desenvolvimento, por exemplo.

O que poderá ser menos evidente é que as competências exercidas a nível micro contenham componentes aparentemente referentes aos outros contextos. Por exemplo: quando o treinador leva o jovem jogador a casa, contactando com os pais, poderá

exercer funções socio-desportivas e afectivas que ultrapassam claramente o contexto exclusivo da equipa, pois está a representar o clube, a associação, a modalidade e, assim, a federação ou, em certa medida, o enquadramento desportivo do país.

Será mais ou menos evidente ao espectador comum que quando o treinador comenta em fim de jogo a derrota ou a vitória da sua equipa ou atletas, está a exercer competências que ultrapassam aparentemente as funções do mero “técnico”.

Aos treinadores, no entanto, é cada vez mais evidente que mesmo num âmbito micro existem competências que, por influências maiores ou menores dos outros contextos de gestão técnica do desporto, ultrapassam aquilo que aparentemente seria o jogo ou a partida competitiva mais “pura”: a do quadrado ou rectângulo de jogo. Assim, o treinador está cada vez mais consciente da necessidade de desenvolvimento das suas competências numa intervenção notoriamente mais alargada a outros contextos.

No que se refere aos estilos de desenvolvimento de competências, temos que assumir que se o nível técnico é importante para o controlo rigoroso e preciso das variáveis de treino, a intervenção do treinador perderá o sentido orientador essencial se não for acompanhada de reflexão crítica.

Esta separação é análoga à separação entre técnica e táctica individual. Se à primeira temos inerentes condicionantes biomecânicas, à segunda evocamos as condicionantes bioinformacionais e só as separamos para evidenciar a sua unicidade (em conjunto com outros factores de treino: *físico, psicológico, etc.*). Na verdade, por detrás de toda a produção motora de jogo (técnica) está o controlo motor fundamentado na integração constante de informações que sustentam as decisões (táctica): lanço *quando* percepciono que me encontro desmarcado e que tenho o cesto ao meu alcance, passo *quando* percepciono a desmarcação de um parceiro de equipa em direcção ao cesto adversário, etc. Por vezes o *quando* é mais descurado que o *como* (técnica). Metodologicamente o treino do *como* (técnica) e do *quando* (táctica) deveriam estar coerentemente ligados. Só em determinadas situações (principalmente, mas não exclusivamente, em etapas mais avançadas da formação de jogadores) é que se deveria exercitar a técnica através de exercícios mais analíticos (sem inclusão da decisão táctica de *quando* passo, lanço, drible, etc.).

É evidente que, até determinada altura, a afirmação da prática profissional de treinador foi-se fazendo predominantemente pelo "saber técnico" - aquilo que era ignorado pelo senso comum e que marcava com exclusividade o "diferencial de capacidade". Este domínio de saber, além das questões técnico-tácticas englobava, principalmente em alguns desportos, as questões pedagógicas e, pelo suporte àquelas, a gestão do factor de treino “físico” (o desenvolvimento das capacidades físicas). Além

disso, a autoridade profissional era fundamentalmente adquirida à custa dos saberes "técnicos" obtidos empiricamente com os anos de prática da modalidade.

No entanto, talvez pelo incremento quantitativo da população praticante e, principalmente, pelo alargamento do ensino aos escalões mais baixos, a sociedade vai reconhecendo a função de treinador apenas a quem tenha uma preparação técnico-pedagógica idónea. É assim que a preparação dos treinadores para a intervenção com as crianças, ao contrário do que se usava fazer¹, começa ser profunda e estrategicamente cuidada.

Por outro lado, o desenvolvimento institucional das competições desportivas (campeonatos que vão dos regionais aos mundiais) tem levado, cada vez mais, à rentabilização dos investimentos feitos para um determinado produto: vitória.

Essa rentabilização integra a visão micro do treino em si mesmo e a visão macro das opções federativas e institucionais numa visão de entre dois: a importante gestão da instituição de intervenção (clube, associação, etc.). Surge, pois, a tendência crescente para a gestão autónoma do processo desportivo, em simultâneo com o desenvolvimento de competências para o trabalho em equipa. Agrupam-se estas competências numa componente designada **organizacional**.

O perigo pernicioso que se tem abatido sobre o desporto em geral é o perigo da "metáfora produtivista". Esta metáfora tem sido muito comum no Desporto, o que a par com uma certa concepção behaviorista e comportamentalista do ensino da Educação Física na escola explica o facto de que tem havido um muito maior trânsito das aquisições da investigação no domínio do Desporto para o da Educação Física² do que o inverso. Uma concepção produtivista encontra como verdadeiro terreno fértil um determinado conceito de Desporto, tal como uma concepção funcionalista encontrará como terreno fértil um determinado conceito de Escola.

Corre-se, pois, o risco de perder de vista a função instrumental do desporto ao serviço do desenvolvimento humano, caindo na visão instrumentalizadora do indivíduo ao serviço dos interesses institucionais (públicos ou privados). Surge então a componente **ética e deontológica** como componente mediadora da coerência entre a

¹Visão profundamente fundamentada no empiricismo reducionista baseado na autoridade técnica perante o praticante, já que uma criança terá menor capacidade de discernimento entre um ensino e treino de boa qualidade e um mau.

²Educação Física que, por estar na Escola, sempre esteve mais protegida da referida metáfora produtivista. Queremos aqui evidenciar o que nos parece ser um conflito entre o universo "pedagogista" da Educação Física e o universo "produtivista" do desporto. Claro se torna que a verdadeira questão se refere ao paradigma de enquadramento das funções das actividades desportivas no clube ou na escola.

concepção e função desenvolvimentista da prática desportiva canalizada pela sua prática profissional.

É precisamente ao nível das concepções dos treinadores que também encontramos fundamento para as opções tomadas no âmbito da sua gestão do processo desportivo.

Assim, já não se procura apenas diferenciar com clareza o conteúdo técnico do agente de aprendizagem (Praticante ou Jogador) do conteúdo técnico do agente de ensino e treino (Treinador): os dois saberes, são encarados como perfeitamente diferentes e, neste último, outras funções vão sendo identificadas como funções integradas na função técnica do treinador³.

Hoje, a questão essencial surge com a identificação da direcção do enquadramento conceptual que está por detrás dessa função poli facetada. Só o **especialista culto** conseguirá ter maior segurança na gestão das variáveis inerentes ao processo de ensino e treino desportivo.

Conscientes da seriedade do processo de formação de treinadores assumido por algumas Federações até ao presente, não podemos deixar de estar atentos às novas necessidades, interesses, motivações e aspirações de todos os agentes desportivos.

Tal como antes, durante e no fim de cada jogo desportivo é importante identificar os problemas fundamentais de todos os seus intervenientes, também no âmbito geral do desenvolvimento de cada modalidade, o verdadeiro debate actual do treino desportivo, além dos aspectos metodológicos essenciais à intervenção dos treinadores, dever-se-á centrar na definição dos problemas da investigação.

Trata-se, por um lado, de integrar a dimensão reflexiva na função técnica diária do treinador, o que a situa de outra forma, orientando-a para outros conteúdos, evidenciando as novas competências já referidas, e por outro, integrar essa dimensão reflexiva nas instituições da modalidade: clube, associação, federação, liga, etc.; e nos outros protagonistas da mesma: jogadores, dirigentes, árbitros, público e restantes agentes desportivos.

Há necessidade de que surjam espaços cada vez mais alargados de comunicação que façam destes momentos de reflexão espectáculo de promoção da modalidade, permitindo a intervenção pontual de muitos outros técnicos e agentes desportivos. Há

³Consideramos mesmo que a separação entre conhecimento "técnico", "pedagógico", "organizacional" e "ético" (etc.) do gestor de ensino e treino de uma modalidade desportiva é apenas utilitária para a conclusão da sua unicidade imprescindível. No entanto, por vezes, apegamo-nos ao formal, esquecendo o conteúdo. Quando pensamos na função *técnica* do treinador, estão implícitas todas as dimensões de conhecimento importantes para a realização plena dessa função. Mais uma vez, é o elogio concreto do paradigma holístico emergente de uma nova concepção de Homem em desenvolvimento.

saltos qualitativos que têm que ser dados porque os “inimigos”, do ponto de vista das estratégias de desenvolvimento de cada modalidade desportiva, não estão lá dentro.

Parece-nos claro que no estabelecimento de uma estratégia global de desenvolvimento, cada modalidade desportiva tem que se afirmar, em primeiro lugar, perante a tendência sócio-cultural para o inactivismo da prática desportiva de qualidade, o que dá espaço para outras actividades sociais menos desenvolvimentistas da população jovem, e, em segundo lugar, perante as restantes modalidades. Tal como não perdemos tempo a pensar se estamos preparados para o jogo que já se iniciou, também devemos compreender que o jogo regulamentado não se joga exclusivamente naquele rectângulo mágico, e que o jogo entre as diversas modalidades desportivas e entre os serviços desportivos oferecidos à população em geral, também já se iniciou e não tem tido grandes interrupções e intervalos.

Há uma “competição” comum com os estilos de vida anti-saudáveis que, no âmbito de algumas modalidades, como o caso das artes marciais, estará ganha numa intervenção estrategicamente assente na componente axiológica que, a maioria dos treinadores, mantém intrínseca na gestão do ensino e treino das modalidades como o karaté. Neste sentido, as modalidades deste tipo, quando essencialmente promovem uma *maneira de viver* que não assenta no esboço competitivo institucionalizado, mas sim numa actividade *ecléctica* (onde ciência, arte, filosofia e mesmo religião são tocados) e *inclusiva* (jovens, adultos, anciãos - que normalmente são os *mestres* -, magros, gordos, mulheres, homens, etc.) de orientação marcial para melhor promover o treino da tolerância, respeito e autoconfiança numa multifactorialidade de estimulações, acabam por ensinar um caminho às outras modalidades desportivas actuais, de forma a preparar o segundo milénio.

Sem dúvida que o desporto não é um fenómeno neutral e, dependendo da sua gestão, tanto promove desenvolvimento num sentido (positivo) como noutro (negativo?). Estão aqui lançados alguns pontos de partida que, com muitos outros, pretendem comunicar algumas preocupações de chegada...

Para Concluir

Há uma pluridimensionalidade de competências relativas à função de treinador. A sua formação deve estar profundamente atenta e acompanhar as transformações sócio-culturais modernas e pós-modernas. O saber técnico-pedagógico deve ser elogiado no âmbito da preparação para a prática profissional do treinador. Simultaneamente a esta competência tornam-se cada vez mais imprescindíveis as competências de domínio organizacional, com apelo ao trabalho de equipa. Por outro lado, a mediação ética e deontológica vai-se tornando fundamental para o consolidar da função.

Sem dúvida que a formação de treinadores tem conseguido, em algumas modalidades, dar o salto da cientificidade dos seus cursos de qualificação (formação inicial); trata-se de olhar com rigor e precisão a realidade da intervenção social que, responsabilmente, vai assumindo. No entanto, evidente se torna que todo o sentido do desenvolvimento das competências decorre de um enquadramento geral dado por níveis de competência; queremos fazer o elogio do nível crítico-reflexivo integrador e superador do nível técnico-profissional. Resulta, assim, que é o sentido orientador do desenvolvimento dessas competências que passa também a ser uma competência, ou seja, a autonomia plena para a função resulta de um conteúdo crítico-reflexivo que integra e supera o nível técnico-profissional, permitindo com rigor e coerência a relação entre o conhecimento científico e o senso comum. Trata-se de estar atento ao paradigma de enquadramento em que nos vamos situando (especialista culto).

Paralelamente ao investimento que tem sido feito na formação inicial (cursos) e contínua de treinadores (acções), e na promoção de um enquadramento técnico de qualidade (coordenação técnica nacional / selecções nacionais, etc.), urge fazer a institucionalização de espaços informais de comunicação entre os vários agentes desportivos protagonistas nos diversos contextos de intervenção (do micro ao meso).

É perante esta rede concreta de comunicação que se dá o salto qualitativo característico da pós-modernidade: a passagem do conhecimento científico a senso comum.

Figueiredo, A. (1997), “A Formação de Treinadores no Desporto Federado – O Treinador no Segundo Milénio”, II Congresso de Gestão do Desporto - Comunicações, APOGESD, Lisboa, 1997, pp 113-121.